

## **A violência de gênero no Portal Catarinas: marcas da cobertura jornalística alternativa e feminista<sup>1</sup>**

Ana Luiza Bertelli DIMBARRE<sup>2</sup>

Jaqueline Andriolli SILVA<sup>3</sup>

Karina Janz WOITOWICZ<sup>4</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

### **RESUMO**

A presente pesquisa busca apresentar, de forma parcial, aspectos da produção jornalística do *Portal Catarinas*, através de uma investigação das matérias publicadas durante os anos de 2020 e 2022. Os critérios estabelecidos para a seleção partem das produções que apresentam teor investigativo e profundidade no tratamento das informações e que enfocaram a temática da violência de gênero. No total, durante o período analisado, 12 reportagens foram encontradas, revelando diferentes abordagens sobre a violência.

**Palavras-chaves:** Portal de notícias; Jornalismo alternativo; Feminismo; Violência de gênero; Mulheres.

Criado em 2016, na cidade de Florianópolis/SC, o *Portal Catarinas*<sup>5</sup> surgiu com o objetivo de ser o primeiro portal de notícias do Brasil voltado à abordagem de gênero, feminismo e direitos humanos (COSTA, 2018). Como se autorreferenciam, o veículo faz parte de um “Jornalismo Independente, Feminista e Antirracista”; sua linha editorial está voltada às diversas teorias do feminismo, mediando as perspectivas diante da realidade e fugindo do padrão de demais veículos brasileiros que apresentam pautas e conteúdos, de certa maneira, masculinizados (COSTA, 2018).

O site foi criado pelas jornalistas Paula Guimarães e Clarissa Peixoto, juntamente com a cientista social Kelly Vieira, que já apresentavam ligações anteriores a essa iniciativa e estavam envolvidas em movimentos feministas (PORTAL CATARINAS). Na época, a ideia de enquadrar o jornal com a perspectiva de gênero

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na IJ01 - Jornalismo do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

<sup>2</sup>Graduanda em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista de iniciação científica PIBIC/Fundação Araucária na UEPG. [aluludim@gmail.com](mailto:aluludim@gmail.com)

<sup>3</sup>Coorientadora do trabalho. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa e bolsista pela Capes.

<sup>4</sup>Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo e Mestrado em Jornalismo da UEPG. Bolsista produtividade de pesquisa CNPq. [karinajw@gmail.com](mailto:karinajw@gmail.com).

<sup>5</sup>Portal Catarinas. Disponível em: <<https://catarinas.info/>>. Acesso em 18 de abril de 2023.

demonstrou o viés político que pretendiam abordar em suas pautas e coberturas, para além da disseminação do feminismo (COSTA, 2018). “A demarcação da perspectiva também está relacionada a uma crítica às falhas do campo do jornalismo detectado por elas, a partir da consideração de que o jornalismo deveria ter a perspectiva de gênero” (COSTA, 2018, p.132).

A cobertura feita pelo portal não está necessariamente limitada a cobrir eventos e atos do movimento feminista, mas sim assuntos de questões que sempre foram invisibilizadas e não estão presentes na mídia (COSTA, 2018). O veículo também está preocupado em apresentar pautas que vão para além de questões momentâneas, partindo para o jornalismo investigativo com enfoque em gênero, “o que necessita de mais tempo e a confrontação exaustiva de documentos e fontes, além de abordar pautas ligadas à política, à polícia” (SANTOS, TEMER, 2018, p. 215).

Assim, surge a proposta da pesquisa<sup>6</sup> de identificar quais são as produções feitas pelo veículo que aprofundam os temas dos direitos das mulheres e as questões de gênero, buscando contribuir com o conhecimento acerca das experiências do jornalismo alternativo do Brasil, para a reflexão dos limites e das potencialidades para se desenvolver um portal feminista e ativista (WOITOWICZ, 2019).

Para a contextualização e elaboração do estudo, leituras que contribuíssem no entendimento da produção de notícias do portal e do enfoque dado às repórteres que ali atuam foram necessárias. Dentre elas, estão a dissertação ‘Jornalismo Feminista: Estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo’ (COSTA, 2018), a qual foi submetida no programa de pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o texto ‘Mulheres no Jornalismo’ (SANTOS; TEMER, 2018). Para além desses materiais, há o artigo “‘Ideologia de gênero’ como instrumento político nos jornais do Brasil e Portugal’ (SOUZA; CERQUEIRA; SOUZA; EDUARDO, 2022) e ‘Femicídio e Feminicídio: discutindo e ampliando os conceitos’ (CACEIDO-ROA; BANDEIRA; CORDEIRO, 2022).

Após essa etapa bibliográfica, iniciou-se o levantamento das reportagens do site. Foi delimitado o período de dois anos, de 2020 a 2022, a fim de observar como seria o trabalho realizado pelo *Catarinas* durante a pandemia da Covid-19. Já para a escolha das reportagens, houve um olhar mais atento para aquelas que apresentavam um teor

---

<sup>6</sup>Pesquisa realizada pelo Programa de Iniciação Científica - PIBIC, financiada pela Fundação Araucária. Os resultados apresentados no resumo são dados parciais do estudo completo a respeito do *portal Catarinas*.

investigativo e apuração mais trabalhada, com pautas que possivelmente geraram repercussão e rede de apoio maior às fontes do que demais trabalhos realizados pelo portal. Ao entrar no site, a primeira pesquisa feita foi na aba “mais lidas”, porém, ao perceber que as matérias que ali se encontram geralmente são as produções mais recentes feitas pelo portal e que geraram uma alta quantidade de visualizações, partiu-se para outra forma de encontrar as reportagens com tons investigativos. No *Catarinas*, há abas chamadas “especiais” e “temas”; a última se divide em subtópicos, a partir dos principais assuntos abordados, como: feminismos, política, corpo, violências, movimentos sociais, América Latina, território, cultura e educação. Dessa forma, buscou-se reportagens em cada um dos subtópicos, voltando no tempo das matérias, para agrupá-las desde o início de 2020. Todas as matérias encontradas foram dispostas em uma tabela do excel, onde os títulos e os links das mesmas foram sistematizados por fileiras, relacionando-as com as colunas em que estavam dispostas as informações como a data de publicação, a autoria de cada reportagem, se havia outros veículos envolvidos na produção, se aquele assunto teve continuação através de outras matérias e quais foram as palavras-chaves utilizadas pelo portal para referenciar cada uma.

Com esse levantamento das reportagens feitas pelo *Portal Catarinas*, chegamos ao total de 29 textos, sendo 12 pautas diferentes que apresentam teor investigativo, maior repercussão e aprofundamento na estruturação do material. Desses 12, seis geraram outras matérias para além daquela inicial, visto o desdobramento de cada assunto. Um exemplo é a reportagem “SUPORTARIA FICAR MAIS UM POUQUINHO? Vídeo: em audiência, juíza de SC induz menina de 11 anos grávida após estupro a desistir do aborto legal”, publicada em 26 de junho de 2022 pelo *Catarinas*, em parceria com o *The Intercept Brasil*, que trata sobre uma criança de 11 anos ter seu direito de aborto legal invadido pela juíza Joana Ribeiro Zimmer. A matéria em questão gerou grande repercussão nacional e, após a publicação da mesma, os dois veículos produziram outras três com a continuação do caso.

Ainda com relação às 12 matérias principais, cinco delas foram produzidas em 2020, cinco em 2021 e duas em 2022, o que mostra que durante o período de isolamento social o portal preferiu dar atenção a pautas mais sensíveis e que envolviam apurações maiores, visto ser um período de muita insegurança para várias mulheres. A série de reportagens lançada em 2020 pelo veículo “Um vírus e duas guerras” veio para mostrar

justamente isso. Uma parceria feita pelo *Catarinas*, com outros veículos alternativos: *Ponte Jornalismo*, *#Colabora*, *Agência Eco Nordeste*, *Amazônia Real*, *Azmina e Marco Zero Conteúdo* gerou a produção de cerca de 14 textos sobre a violência doméstica e o feminicídio nas cinco regiões brasileiras. É muito comum o portal assumir parcerias com outros veículos alternativos, a fim de que possam construir e consolidar informações mais densas e trazer, de fato, pautas sobre mulheres para que possam ser acessadas em todas as localidades. Pois, uma vez que as pautas trabalhadas pelo *Catarinas* são reconhecidas nacionalmente e não necessariamente no estado onde atuam, elas ultrapassam a bolha do movimento que atuam, ampliando o diálogo para além de seus “pares” (COSTA, 2018).

Com o levantamento dos textos, também percebe-se que o enfoque dado ao portal para matérias investigativas diz respeito à violência. Violência obstétrica, violência doméstica, violência contra mulheres, violência sexual e violência racial são as principais palavras-chaves utilizadas nos materiais encontrados. Para além da violência de gênero, o portal também trabalha com outras formas de violência, como a policial, por exemplo, retratada na matéria “Epidemia de execuções: PM Catarinense mata 85% a mais no isolamento social”, publicada em julho de 2020.

A partir disso, como aponta Caicedo-Roa (2022), podemos dizer que o fato de o veículo dar grande enfoque para pautas que perpassam essas violações é explicado por diferentes formas de violência causarem crimes e atingirem grupos específicos de mulheres e meninas.

Os crimes podem acontecer desde antes do nascimento, com o aborto seletivo de fetos femininos; durante a infância por negligência, violência sexual, casamento infantil e maus-tratos; na adolescência e idade adulta, por meio de violência nos relacionamentos, dote, preservação da “honra masculina”, orientação sexual, ocupações estigmatizadas, conflitos armados, sequestros, tráfico, acusações de bruxaria e, recentemente, decorrentes de violência virtual (CACEIDO-ROA; BANDEIRA; CORDEIRO, 2022, p.11)

Dessa forma, com o enfoque em notícias que abordam sobre todos os tipos de violências, o *portal Catarinas* questiona, em geral, quais cenários as mulheres brasileiras, que moram nos centros urbanos e nas periferias, que apresentam raças e condições estruturais diferentes, vivem. Questionam, em suas produções, certos parâmetros jornalísticos adotados em veículos de referência, dando voz e visibilidade a mulheres que não aparecem nas pautas, visto que “voz de mulheres anônimas, sobre



qualquer temática, também atua no sentido de trabalhar com o protagonismo das mulheres e na capacidade que elas têm de significar e interpretar as situações em que estão inseridas, trazendo a visibilidade de pontos de vista ocultados cotidianamente pela grande mídia” (COSTA, 2018, p.137). E mostram, assim, que sistemas com ampla participação feminina são indispensáveis para mudar as normas em torno da violência de gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAICEDO-ROA, Mônica; BANDEIRA, Lourdes; CORDEIRO, Ricardo. “Femicídio e Feminicídio: discutindo e ampliando os conceitos”. **Revista Estudos Feminista**, Florianópolis, v. 30, n. 3, 2022.

COSTA, Jessica Gustafsson. **Jornalismo Feminista: Estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Dissertação de mestrado.** Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2018.

SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Mulheres no Jornalismo - Práticas Profissionais e Emancipação Social.** São Paulo: Ed Cásper Líbero, 2018.

SOUZA, Juliana Inez Luiz de; CERQUEIRA, Carla Preciosa Braga; SOUZA, Nelson Rosário de; EDUARDO, Maria Cecília. “‘Ideologia de gênero’ como instrumento político nos jornais do Brasil e de Portugal”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 3, 2022.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Periodismo alternativo y militancia feminista: experiencias de portales digitales con enfoque de género em Ecuador.** Quito: CIESPAL, 2019.